

ABRACADABRA

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE
PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

EM ARTES CÊNICAS

**COMO AS ARTES
COMUNICAM AOS ALIADOS**

da cena

**PODEM
RESPONDER À**

PANDEMIA

**CAOS
POLÍTICO**

**NO
BRASIL**

Organizadores: Ana Terra, Matteo Bonfitto,
Silvia Geraldi e Renato Ferracini

**COMO AS
ARTES DA
CENA PODEM
RESPONDER
À PANDEMIA E
AO CAOS
POLÍTICO NO
BRASIL?**

Organizadores:
Ana Terra
Matteo Bonfitto
Silvia Geraldi
Renato Ferracini



ABRACE

Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-graduação em Artes Cênicas.

Diretoria ABRACE

Gestão - 2019-2020... e pandemia

PRESIDENTE

Pq. Dr. Renato Ferracini (LUME - UNICAMP)

1ª SECRETÁRIA

Profa. Dra. Maria Claudia Alves Guimarães (DACO - UNICAMP)

2ª SECRETÁRIA

Pqa. Dra. Raquel Scotti Hirson (LUME - UNICAMP)

TESOUREIRA

Profa. Dra. Mariana Baruco (DACO - UNICAMP)

COMISSÃO EDITORIAL

Profa. Dra. Ana Terra (DACO - UNICAMP)

Prof. Dr. Matteo Bonfitto (DAC - UNICAMP)

Profa. Dra. Silvia Geraldi (DACO - UNICAMP)

CONSELHO FISCAL

Profa. Dra. Patrícia Leonardelli (UFRGS)

Prof. Dr. Robson Haderchpek (UFRN)

Prof. Dr. Daniel Marques da Silva (UFBA/UFRJ)

SUPLENTES DO CONSELHO FISCAL

Profa. Dra. Melissa dos Santos Lopes (UFRN)

Prof. Dr. Marcilio Vieira (UFRN)

Profa. Dra. Ana Cristina Colla (LUME)

EDITORIAÇÃO E DESIGN EDITORIAL

Arthur Amaral

EDIÇÃO

ABRACE

CO-EDIÇÃO

Prof. Dr. Jorge das Graças Veloso (UnB)

COMITÊ EDITORIAL

Alba Pedreira Vieira

Alexandre Falcao de Araujo

Ana Paula Ibanez

Carlos Arruda Anunciato

Cassiano Sydow Quilici

Clóvis Dias Massa

Daniel Reis Plá

Daniela Amoroso

Daniele Pimenta

Denise Mancebo Zenicola

Dodi Tavares Borges Leal

Flavio Campos

Ismael Scheffler

Jandeivid Lourenço Moura

Jorge das Graças Veloso

José Denis de Oliveira Bezerra

José Sávio Oliveira Araujo

Julio Moracen Naranjo

Katya Souza Gualter

Lidia Olinto

Ligia Tourinho

Lucia Romano

Luciana Lyra

Marcelo Eduardo Rocco de Gasperi

Marcia Maria Strazzacappa Hernandez

Maria Brígida de Miranda

Marianna Francisca Martins Monteiro

Martha De Mello Ribeiro

Naira Ciotti

Natacha Muriel López Gallucci

Paulo Marcos Cardoso Maciel

Rebeka Caroça Seixas

Robson Carlos Haderchpek

Stênio José Paulino Soares

Valeria Maria Chaves de Figueiredo

Veronica Fabrini Machado de Almeida

Vicente Carlos Pereira Junior

Wellington Menegaz de Paula

C735

Como as artes da cena podem responder à pandemia e ao caos político no Brasil? [recurso eletrônico] / organizadores: Ana Terra ... [et al.]. – Campinas : Universidade de Brasília, Programa de Pós-Graduação em Artes, 2021.
1545 p. : il.

Inclui bibliografia.

Modo de acesso: World Wide Web:

<<http://portalabrace.org/4/index.php/anais-e-publicacoes/e-books-da-abrace>>.

ISBN 978-65-88507-02-5 (e-book)

1. Artes cênicas. 2. Infecções por Coronavirus. 3. Política - Brasil. I. Terra, Ana (org.).

CDU 792



COMO AS ARTES DA CENA PODEM RESPONDER À PANDEMIA E AO CAOS, POLÍTICO NO BRASIL?

Editorial

Diante do que não entendemos, muitas possibilidades se abrem. Pensando sobre a visão, podemos tentar adaptar o que acreditamos conhecer e fazer ajustes para, com isso, trazer alguma luz ao que não conseguimos enxergar. Considerando a audição, podemos tentar parar para escutar melhor a fim de ampliar o nosso horizonte aural e, quem sabe, reconhecer sonoridades até então não captadas. Independente dessas e de muitas outras possibilidades que podemos explorar, o deparar-se com o que não entendemos pode atuar como gerador de uma significativa expansão perceptiva, de mudanças de lógica, de modos de ser/estar no mundo. Em outras palavras, situações como essas podem ser oportunidades valiosas.

Cabe observar que as expansões perceptivas que emergem do não entendimento – nesse caso, produzido pela sobreposição entre o caos político que vivemos e o crescimento descontrolado da pandemia de Covid-19, ambos conectados pelo elo da necropolítica que irremediavelmente nos invade – não pretendem absolutamente neutralizar o importante exercício crítico que deve igualmente ser praticado em momentos como esse.

Talvez o entrelaçamento entre essas duas perspectivas possa constituir o eixo que, como uma tensão que não se resolve, permeia as seis seções propostas neste livro, a saber – Cena, resistência e experimentações digitais; Corpo, artes da cena e episteme; Feminismos plurais, performances e performatividades; Práticas de cuidado e espiritualidade; Ações performativas em isolamento; e Transversalidades dissonantes – somando um total de sessenta e sete trabalhos.

Sempre “presentes”, as artes da cena buscam aqui revelar, uma vez mais, o seu papel como geradoras de fissuras e ruídos extemporâneos que nos fazem entrever (com Agamben) caminhos possíveis em meio ao escuro do nosso tempo, para tentar (com Krenak) propor práticas para adiar o fim do mundo.

Comissão Editorial Abrace
Gestão 19/20/21

Ana Terra

Matteo Bonfitto

Silvia Geraldi

SUMÁRIO

capítulo 1

Cena, resistência e experimentações digitais

DOSSIÊ DO DESCURSO

Adriana Jorgge, Adriane Henandez, Chico Machado, Henrique Saidel,
Mesac Silveira, Patricia Leonardelli, Rodrigo Sacco Teixeira _____ 15

CRÔNICA: LIVEVER - A CENA E A LIVE

André Carrico _____ 95

ESPECTADORES DE UMA TEATRALIDADE PANDÊMICA: POEMAS DE CÁ E DESDE AÍ ONDE VOCÊ ESTÁ

Sócrates Fusinato _____ 99

POR UMA PEDAGOGIA TEATRAL TRANSFORMADORA: UM OLHAR PARA A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Anita Cione Tavares Ferreira da Silva _____ 117

TEATRO ON-LINE, TEATRO VIRTUAL, TEATRO POR STREAMING, TEATRO-MÍDIA? QUE TEATRO É ESTE QUE ECLODIU COM A PANDEMIA?

Maíra Castilhos Coelho _____ 144

O ESPAÇO EXPERIMENTAL DO PETECA

Mônica Melo _____ 172

VIDEOARTES CONTRA O CORONAVÍRUS: ENFRENTANDO PROBLEMAS PANDÊMICOS REAIS E EXPERIMENTANDO ESPETACULARIDADES VIRTUAIS

Filipe Dias dos Santos Silva, Michel Silva Guimarães _____ 198

QUEM SERÁ POR NÓS? ARTISTAS EM MEIO A PANDEMIA DO CORONAVÍRUS

Priscila Rosa _____ 216

O CIRCO, A PANDEMIA E O NÓ NA GARGANTA.

Daniele Pimenta _____ 224

VIVAM OS LOUCOS DAS LIVES! ARTE, FILOSOFIA E PEDAGOGIA EM TEMPOS DE PANDEMIA

Charles Feitosa (UNIRIO) _____ 240

MOTIM NA QUARENTENA: DEBATES E AFETOS EM REDE

Profa. Dra. Luciana de F. R. P. de Lyra, Carolina Passaroni _____ 253

<i>III SEMINÁRIO DE DESIGN CÊNICO – RELATO 1: APRESENTAÇÃO, PALESTRAS E MESAS TEMÁTICAS</i>	
Ismael Scheffler, Luiz Henrique Sá, Olívia Camboim Romano _____	287
<i>III SEMINÁRIO DE DESIGN CÊNICO - RELATO 2: COMUNICAÇÕES DE PESQUISA</i>	
Aby Cohen, Mariana Cesar Coral, Rosane Muniz Rocha _____	314
<i>III SEMINÁRIO DE DESIGN CÊNICO - RELATO 3: TEATRO FÓRUM E DESIGN EXPANSIVO COMO ESTRATÉGIAS DE OCUPAÇÃO DO ESPAÇO DIGITAL</i>	
Dalmir Rogério Pereira _____	339

capítulo 2

Corpo, artes da cena e episteme

<i>COLORIDO ESPECÍFICO: DAS COISAS POSSÍVEIS EM MEIO AO TANTO.</i>	
Heloisa Gravina, Michel Capeletti, Clarissa Ferrer, Guilherme Capaverde, Leticia Nascimento Gomes, Pâmela Ferreira, Thiago Santos _____	364
<i>TERRITÓRIOS DISRUPTIVOS: O CORPO-TEATRO EM TEMPOS DE ISOLAMENTO</i>	
Martha Ribeiro _____	406
<i>IMPACTOS DA CRISE PANDÊMICA E POLÍTICA NO CORPO E EM SEU FAZER ARTÍSTICO</i>	
Tatiana Melitello _____	426
<i>DANÇA MODERNA E NOVAS EPISTEMES PARA O SÉCULO XXI</i>	
Tatiana Wonsik Recompenza Joseph _____	444
<i>DANÇA(S) COMPARTILHADA(S): COLABORAÇÃO ARTÍSTICA COM DANÇA EM TEMPOS DE ISOLAMENTO SOCIAL</i>	
Melina Scialom _____	476
<i>DANÇAS EM QUARENTENA</i>	
Denise Mancebo Zenicola, Alba Vieira, Leda Ornellas, Débora Campos, Leticia Infante, Gisela Zaccari, Maria Paulo, Calé Miranda, Sofia Vivo, Carlos Ujhama _	502
<i>ENCRUZILHADAS E ENTRELAÇAMENTOS: TROCAS INTERINSTITUCIONAIS</i>	
Flávio Campos, Katya Gualter _____	515
<i>SILÊNCIO (29/04/2020 – 06/10/2020...)</i>	
Débora Campos de Paula _____	552
<i>O GRUPO PÉS COM E SEM PANDEMIA: DANÇA-TEATRO PARA/COM/POR PESSOAS COM DEFICIÊNCIA</i>	
Mônica Gaspar, Lidia Olinto _____	562



*COVID-A - 108.054 SEGUNDOS DE DANÇA POR CADA VIDA
INTERROMPIDA: PRIMEIRAS REFLEXÕES*

Valéria Vicente, Líria de Araújo Morais, Carolina Dias Laranjeira _____ 599

ESCRITOS CÊNICOS SOBRE A INTIMIDADE DE NOSSAS DANÇAS DIGITAIS

Maria Inês Galvão Souza, Fernanda de Oliveira Nicolini _____ 638

“BELISCA AQUI”: DANÇAS DA/NA/A PARTIR/DA PANDEMIA DE 2020

Alba Pedreira Vieira _____ 666

DANÇA NA PANDEMIA

Profa. Dra. Maria Claudia Alves Guimarães, Beatriz Silvestre Rodrigues de Souza, Cássia Natiele Silva Durães _____ 696

capítulo 3

Feminismos plurais, performances e performatividades

BILHETES DE MULHERES DA CENA EM RESISTÊNCIA

Dodi Leal, Luciana de F. R. P Lyra, Maria Brígida de Miranda, Lúcia Romano, Lígia Tourinho. _____ 712

CANSAÇO E CRIAÇÃO PERFORMATIVA EM CONTEXTO PANDÊMICO

Andre Luiz Rodrigues Ferreira _____ 734

*AS ARTES DA PRESENÇA CONTRA O APAGAMENTO HISTÓRICO AMBIENTAL:
UM MANIFESTO ECOPERFORMATIVO DECORONIAL*

Ciane Fernandes _____ 757

BREVES CRIAÇÕES PANDÊMICAS EM CARTAS NÁUFRAGAS

Patricia Fagundes, Louise Pierosan, Aline Marques, Daiani Picoli “Nina”, Juliana Kersting, Débora Souto Allemand, Iassanã Martins _____ 793

PERFORMANCE COMO EDUCAÇÃO EM PANDEMIA

Estela Vale Villegas _____ 829

*AS ARTES CÊNICAS EM MEIO A PERFORMANCE PANDÊMICA DE UMA
SOCIEDADE INSUSTENTÁVEL*

Luiz Naim Haddad _____ 856

capítulo 4

Práticas de cuidado e espiritualidade

TIRAMOS A PELE, LAVAMOS A ALMA

Nara Keiserman _____ 887



COMO VOCÊ ESTÁ SE SENTINDO HOJE? A CLÍNICA PERFORMATIVA DA UNIRIO
Juliana Manhães, Leticia Carvalho, Marcus Fritsch, Nara Keiserman,
Tania Alice _____ 908

capítulo 5

Ações performativas em isolamento

SEXAGENARTE - A VIDA NÃO PARA: OS PONTOS CARDEAIS DE MUITAS HISTÓRIAS
Rodrigo Sacco Flores Almeida Teixeira _____ 935

MODELAGEM DA MEMÓRIA OU INSIRA SUA JUSTIFICATIVA AQUI
Daniel Silva Aires, Mônica Fagundes Dantas _____ 940

QUARENTENA - QUANDO A ESPERA SE TORNA UMA AÇÃO
Éden Peretta, Bárbara Carbogim, Cláudio Zarco, Amanda Marcondes,
Vina Amorim, Daniela Mara, Diego Abegão, Fernando Del, Marina Freire,
Jefferson Fernandes _____ 954

*JOGO DO ESPELHO NOS TEMPOS DE COVID - AS ESTRATÉGIAS PARA
AULAS DE TEATRO SOB ISOLAMENTO SOCIAL.*
Elizabeth Medeiros Pinto, Suzane Weber Silva _____ 962

TEATROPALESTRA CAPETALISMO, PANDEMIA E PANDEMÔNIO.
Stefanie Liz Polidoro _____ 976

*[sem título] - AUSÊNCIA E PRESENÇA COMO FORÇA POÉTICA
NO ISOLAMENTO SOCIAL*
Ms. Rafael Machado Michalichem, Ms. Renata Mendonça Sanchez _____ 989

CORPORALIZANDO ECO-SOMÁTICA (HOLONÔMICA) #EM CASA
Carla Vendramin _____ 1004

DOIS AMORES E UM BICHO - UMA CARTOGRAFIA DA CONVIVÊNCIA
Danielle Martins de Farias _____ 1033

RECORTE-COLAGEM E ALGUNS REMENDOS
Silvia Balestreri _____ 1037

UM POEMA FILOSÓFICO PARA SE VIVER, MESMO NA PANDEMIA
Domenico Ban Jr. _____ 1044

VÔOS TANGENCIAIS DE AUTOEXPRESSÃO
Patrícia Souza de Almeida _____ 1049

capítulo 6

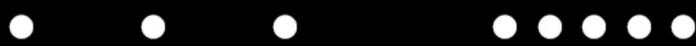
Transversalidades dissonantes

- O USO DE MICRO-CONTROLADORES ARDUINO E A “CULTURA MAKER” NO ENSINO DE ILUMINAÇÃO CÊNICA: POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES COM A ILUMINAÇÃO NAS RENOVAÇÕES DOS ESPAÇOS CÊNICOS*
Rafaela Blanch Pires _____ 1054
- PANORAMA DO ENSINO DE DANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL NAS MICRORREGIÕES CHAPADA DO APODI E SERIDÓ OCIDENTAL/RIO GRANDE DO NORTE*
Marcilio de Souza Vieira _____ 1079
- DANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL, UM ESTUDO SOBRE A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC) E AS ESCOLHAS CURRICULARES DO DOCUMENTO DO RIO GRANDE DO NORTE.*
Carolina Romano de Andrade, Marcilio de Souza Vieira _____ 1103
- ACERVOS DOCUMENTAIS EM RELAÇÃO: UMA POÉTICA DE ATUALIZAÇÃO NA TÉCNICA DE EVA SCHUL*
Fellipe Santos Resende, Suzane Weber da Silva _____ 1139
- RESSONÂNCIAS DE UMA PRESENÇA E UMA ESCUTA: DO QUE SE FAZ EM TEATRO E DANÇA*
Valéria Maria Chaves de Figueiredo, Adriano Jabur Bittar _____ 1155
- DESVELANDO A ÂNIMA*
João Vítor Ferreira Nunes _____ 1172
- MEU INVENTÁRIO NO CORPO*
Mylene da Silva Moreira, Flávio Campos _____ 1202
- A POÉTICA DA APARIÇÃO E CURA: REFLEXÕES A PARTIR DA GRAMÁTICA NEGRA CORPORAL AMPLIFICADA*
Janaína Maria Machado (UFBA) _____ 1223
- DO TEATRO QUE É BOM... O PENSAMENTO ESTÉTICO TEATRAL DE OSWALD DE ANDRADE.*
Nanci de Freitas _____ 1238
- O AUTOENFRENTAMENTO: PRÁTICAS DE YOGA E MEDITAÇÃO NA FORMAÇÃO DA ATRIZ*
Daniela Corrêa da Cunha, Daniel Reis Plá _____ 1273
- O DESPERTAR CONTEMPORÂNEO NAS RELAÇÕES ENTRE DANÇA E SAGRADO FEMININO*
Lauana Vilaronga Cunha de Araújo, Geisa Dias da Silva,
Tânia Guerra de Souza _____ 1303

<i>CRIAÇÃO INFANTIL: CAMINHOS E QUESTIONAMENTOS</i> Allana Bockmann Novo, Flávio Campos _____	1331
<i>IDENTIDADE MOVEDIÇA: OS TRILHOS DO SAMBA NA CIDADE CULTURA</i> Giullia Almeida Ercolani, Luiz Naim Haddad _____	1344
<i>UMA ANÁLISE CRÍTICA SOBRE AS INTERFERÊNCIAS DA CORRENTE TEÓRICA “PÓS-MODERNISMO” NA CRIAÇÃO EM DANÇA NA CONTEMPORANEIDADE</i> Natália Colvero, Flávio Campos _____	1352
<i>CORPO-LUZ: PENSAMENTOS ACERCA DOS PROCESSOS DE CRIAÇÃO DA ILUMINAÇÃO CÊNICA PARA O TEATRO CONTEMPORÂNEO.</i> Ana Luisa Quintas, Alice Stefânia Curi _____	1364
<i>UM RETORNO ATENTO AO BRINCAR: CAMINHOS POSSÍVEIS PARA A DANÇA</i> Fernanda Battagli Kropeniski, Flávio Campos _____	1402
<i>DA COR DO AZEVICHE: A NEGRITUDE COMO POÉTICA DE RESISTÊNCIA NAS ARTES DA PRESENÇA</i> Stênio José Paulino Soares _____	1414
<i>O TEATRO POLÍTICO E AFROCENTRADO DO BANDO DE TEATRO OLODUM (1990): A FORMAÇÃO DE UM TEATRO NEGRO NA BAHIA.</i> Heverton Luis Barros Reis _____	1440
<i>“DENTES DE CACHORRO E CASCOS DE CAVALO”:</i> O MITO DE MICAELA Mariclécia Bezerra de Araújo _____	1473
<i>É “LEI”!</i> ESPETÁCULO DE DANÇA CONTEMPORÂNEA CRIADO EM PROCESSO COLABORATIVO Alba Pedreira Vieira, Marcus Diego de Almeida e Silva, Carlos Gonçalves Tavares _____	1493
<i>A PRODUÇÃO CULTURAL DO BRASIL OITOCENTISTA E A ATUAÇÃO DE MULHERES NO TEATRO POPULAR.</i> Lílian Rúbia da Costa Rocha _____	1521
<i>FILOSOFIA PERFORMACE: ARQUIVOS AUDIOVISUAIS DAS CULTURAS POPULARES DE AMÉRICA LATINA</i> Natacha Muriel López Gallucci _____	1546



CAPÍTULO 3
feminismos plurais,
PERFORMANCES
E PERFORMATIVIDADES



PERFORMANCE COMO EDUCAÇÃO EM PANDEMIA

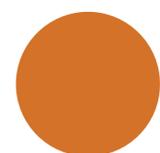
Estela Vale Villegas (UFMG)¹



__RESUMO

Neste artigo proponho refletir sobre os desafios impostos à construção de uma educação como performance em tempos pandêmicos, pensando em como esta abordagem é afetada e pode contribuir para as questões centrais levantadas pelo pensamento filosófico contemporâneo sobre a pandemia (AGAMBEN, BUTLER, HAN, NANCY, ŽIŽEK; 2020). Partindo da premissa de que a maior contribuição do paradigma da performance é colocar o corpo no centro do processo de ensino-aprendizagem e como ponto de partida conceitual (PINEAU, 2002; 2010), busco reflexões sobre como esta premissa pode ser possível, ou não, num mundo “pandemizado”. Quais implicações surgem no horizonte do futuro da educação como performance em pandemia?

¹ Doutoranda em Artes pelo Programa de Pós-graduação em Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, orientador: Marcos Senna Hill. Mestra em Artes Cênicas pelo Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal de Ouro Preto (2018). Bacharelado e Licenciatura em Dança pela Universidade Federal de Viçosa (2011).



__PALAVRAS CHAVE

Educação, performance, pandemia.

__ABSTRACT

In this article I propose to reflect on the challenges imposed to the construction of education as performance in pandemic times, thinking about how this approach is affected and can contribute to the central questions raised by pandemic contemporary philosophical thinking (AGAMBEN, BUTLER, HAN, NANCY, ŽIŽEK; 2020). Starting from the premise that the greatest contribution of the performance paradigm is to place the body at the teaching-learning process center and as a conceptual starting point (PINEAU, 2002; 2010), I seek reflections on how this premise may or may not be possible, in a “pandemized” world. What implications appear on the future horizon of the education as performance in pandemic?

__KEYWORDS

Education, performance, pandemic.



INTRODUÇÃO

Minha pesquisa de doutorado em andamento trata (ou tratava? Não sei) da performance como abordagem para a educação, estando implicadas perspectivas metodológicas do jogo e do fluxo. Estes estudos serviriam (será que ainda servem?) de base para uma pesquisa-ação na escola, através de uma experiência metodológica. Em vias de chegar com a proposta na escola (março de 2020) explode uma pandemia que provocou uma interrupção global sem precedentes na história. Uma interrupção que tem sido considerada por grande parte da filosofia contemporânea um divisor de águas históricas (AGAMBEN, BUTLER, HAN, NANCY, ŽIŽEK; 2020).

A pandemia do coronavírus trouxe profundas mudanças em todos os aspectos da vida, através das medidas emergenciais recomendadas pela Organização Mundial da Saúde (OMS) de isolamento e distanciamento social, utilização de máscaras, suspensão de aulas e todos os setores não essenciais, como as formas mais eficientes de combate a um vírus recém-descoberto.

De repente, não havia (e será que ainda haverá?) escola para se propor uma pesquisa-ação. Nem pública, nem particular, nem mesmo na praça da cidade. A suspensão das aulas impossibilitou a pesquisa-ação por tempo



indeterminado, ao início achávamos que a pandemia iria durar um mês, já estamos há sete meses com suspensão das aulas e a expectativa é que sejam retomadas em 2021. Também e, fundamentalmente, as radicais mudanças de comportamento em curso impõem os maiores enfrentamentos a esta pesquisa. Como será a escola pós-pandemia? Como serão construídos os corpos escolares, suas relações e interações numa escola pós-pandemia? Haverá um pós-pandemia?

O momento de profunda incerteza e insegurança que vivemos causa um pânico paralisante. No meu caso, passei por um bloqueio total, nada mais fazia sentido. Nem a pesquisa, nem a profissão de professora de arte na escola e, mesmo, fora dela. Não conseguia nem olhar para o computador. Escolher a arte no Brasil é de *per si* um desafio que já implica em sacrifícios e descréditos: “Formou em dança? Mas e o que você faz?”. A dança, em particular, parece ainda muitíssimo mais penosa: “Mas isso é dança?”.

Se já era difícil mediar uma investigação corporal, de si e do outro, estimular a criação, a crítica e a reflexão no lugar de apenas reproduzir o cânone ou o sucesso do momento. E nem precisamos ir tão longe, o simples e cultural ato de se fazer uma roda já é um desafio para os corpos escolarizados, sedentarizados, que não suportam



o suor da mão do outro, nem mesmo o da sua própria mão. O c.c. (cheiro do corpo), o chulé, o suor, o sebo de células mortas, mucos, peidos e excrementos, tudo recorda a presença insuportável do corpo num mundo higienizado.

Nós da dança, do teatro, da performance e de todas as artes que, de uma forma ou de outra, lidam com a investigação do corpo, enfrentamos a nossa luta diária com as gigantescas obstruções impostas aos corpos – vergonha, culpa, medo, preconceitos, repressão sexual e por aí em diante. Sem contar a instabilidade na profissão no Brasil, que desde o golpe da Dilma (e não me venham dizer que não foi golpe), a qualquer momento a arte pode ser retirada do currículo das escolas, as licenciaturas fechadas e a pesquisa silenciada. Hoje a nossa luta parece perdida.

Evidentemente, podemos considerar que tudo vai passar como um pesadelo e em certo momento, a médio ou longo prazo, recuperaremos o “normal”. Penso que esta seja uma esperança bastante ingênua e pouco provável. No melhor dos cenários o mundo, de qualquer forma, já está traumatizado e as sequelas ainda estão sendo avaliadas. Entretanto, num momento de total incerteza todas as opções estão postas, o que nos coloca diante de uma grande oportunidade de reflexão.



E se não houver um pós-pandemia? E se for este quadro pandêmico que se impõe o “novo normal”? E, ainda, se for disso para pior? O que faremos se ficarmos esperando passar um pesadelo, que na verdade se tornou o filme de terror das nossas vidas? As contas não esperam para ser pagas, a fome e a sede são implacáveis. Dada a radical insegurança do momento parece importante refletirmos se a arte tem lugar num mundo “pandemizado”.

Penso que muitos artistas e professores estão procurando se reinventar, se adaptando a nova situação, enquanto muitos outros não conseguiram e estão se voltando para outras profissões. Outros ainda estão lutando pelos direitos da classe artística, que está dentre as mais atingidas pela pandemia e deveria estar sendo assistida por políticas públicas para não morrer de fome, e com ela a cultura. Mas o que esperar de um governo acefálico e violento? O que esperar de um governo que antes da pandemia já queria nos exterminar? Nunca foi tão importante a luta da classe artística como agora. Na verdade, de todas as classes marginalizadas. Reflito a partir do meu lugar de fala, mas também me solidarizo com a grande miséria dos tempos que vivemos.

Penso que também estamos procurando entender o que está acontecendo com o mundo e fazendo esse enfrentamento em nossas pesquisas. Todos os esforços,



sejam eles quais forem, nesse momento parecem cruciais para a nossa sobrevivência. No tocante à sobrevivência desta pesquisa, frente à impossibilidade da pesquisa-ação na escola, superei o bloqueio e ao caos pandêmico através da necessidade de tomar um posicionamento e fazer um enfrentamento da pandemia na pesquisa.

Neste artigo proponho refletir sobre os desafios impostos à construção de uma educação como performance em tempos pandêmicos, pensando em como esta abordagem é afetada e pode contribuir para as questões centrais levantadas pelo pensamento filosófico contemporâneo sobre a pandemia.

EDUCAÇÃO COMO PERFORMANCE EM PANDEMIA

A performance é uma ampla e complexa categoria que diz respeito a profundas transformações do pensamento no ocidente, assentada sob a tríade: Comportamento, Linguagem e Arte. No contexto do pós-guerra e dos horrores do holocausto atômico surge a necessidade de um reexame das premissas da arte, do comportamento social e da linguagem.

A virada performativa que se deu nas ciências sociais e na antropologia provocou uma mudança paradigmática



que deslocou o olhar para “o modo como os sentidos do corpo são mobilizados na significação do mundo” (DAWSEY, 2011, p. 207). A performance emerge como nova abordagem ao comportamento, cujas noções precursoras são: a performance no cotidiano, de Erving Goffman (1956), e os dramas sociais de Victor Turner (1957).

Uma mudança paradigmática também ocorre na filosofia da linguagem e linguística na década de 1950, a chamada “virada linguística”, através do pensamento de John L. Austin, que distinguiu os atos de fala constativos dos atos de fala performativos. Os constativos apenas descrevem e podem ser considerados falsos ou verdadeiros, já os performativos não descrevem uma ação, eles são a própria ação. Ao final de sua vida, Austin lega uma persistente polêmica, ao negar esta distinção e dizer que, na verdade, todo ato de fala é uma ação e, portanto, a linguagem é essencialmente performativa. O legado de Austin é a emergência da “Visão Performativa da Linguagem” (OTTONI, 1998).

Assim, performance pode ser entendida como *comportamento* e também como *linguagem*. A arte completa a tríade com o nascimento da *Arte da Performance*, gênero ou linguagem artística estabelecida na década de 1970, mas cujos primórdios já se anunciavam nos movimentos artísticos do pós-guerra. Para Rose Lee Goldberg (1979), a



performance é um fenômeno sem paralelo na história da arte, que trouxe a real necessidade de uma revisão histórica através da performance. Essa revisão tem continuidade nos estudos de Jorge Glusberg e, no Brasil, Renato Cohen. Considerando seu o amplo espectro através da história, a arte da performance é caracterizada pela ruptura, pela dissolução de fronteiras, pelo hibridismo, pela centralidade do corpo na ação e no tempo real.

Não obstante a grande envergadura da tríade - Comportamento, Linguagem, Arte - ela não é capaz de esgotar o fenômeno da performance. Richard Schechner abre uma via de maior reciprocidade (CARLSON, 2011) entre o eixo da arte e os outros eixos da performance, inaugurando um campo aberto e penso que também unificador, que chamou de “Estudos da Performance” (SCHECHNER; 2002; 2004; 2012).

Para Schechner (2002), a performance é uma categoria inclusiva e abrangente capaz de agregar os mais diversos tipos de performances desde o cotidiano aos grandes eventos teatrais, esportivos e por aí em diante. Essa imensa diversidade Schechner a traduz em termos de jogo e ritual, como forças em oposição no interior da performance. A forma de abordagem de Schechner ao considerar as coisas “como performances” é semelhante à performatividade na linguagem.



O campo da performatividade abre ainda outro campo de estudos relacionados à filosofia da linguagem, mas também, à filosofia pós-estruturalista (como Derrida, Foucault, Lyotard e outros) e filosofia contemporânea, como os estudos de gênero de Judith Butler na década de 1990. Tanto a performatividade em Schechner quanto na filosofia colocam o corpo no centro da investigação.

Toda essa longa apresentação da performance sempre me parece necessária como um exercício de constante reflexão sobre esse complexo fenômeno que chamamos de performance. Parece importante também para se pensar as relações entre performance e contemporaneidade, ainda mais num mundo pandemizado. Em relação à educação esta apresentação parece de vital importância, pois como argumentou Gilberto Icle: “é nesse espraiamento de possibilidades infinitas, nesse campo de tensões epistemológicas, nesse mar de práticas movediças que a Performance adentrou os problemas da Educação” (ICLE, 2010, p. 11).

Para uma real e efetiva aproximação entre performance e educação é necessário partir do contexto mais amplo de performance, para se abranger as próprias questões educacionais. A escola é o lugar privilegiado de construção do corpo contemporâneo e, portanto, também é de especial importância para o estudo da performance.



O emergente campo de estudos da performance e educação tem lugar no contexto da pedagogia crítica norte-americana, que principalmente através dos estudos de Peter McLaren, na década de 1980, passa a entender o processo de escolarização como rituais performativos. Elyse L. Pineau, a partir de Paulo Freire e McLaren, propõe que o “Ensino é Performance” (1994). O artigo germinal de Pineau tornou-se um dos fundamentos da pedagogia crítica performativa, dando enorme impulso ao campo.

Para Pineau, a grande contribuição do paradigma da performance reside no fato de colocar o corpo no centro do processo de ensino aprendizagem e torná-lo ponto de partida conceitual para a educação (PINEAU, 2002; 2010). Com esse argumento profundamente pertinente, Pineau destaca aquilo que une as mais diversas camadas de significação da performance – o corpo como centro do processo.

Pineau e diversos outros pesquisadores e pesquisadoras, como Judith Hamera, propõem sistemas reflexivos para se pensar o corpo como centro do processo educacional e ponto de partida conceitual. As experiências partilhadas das experiências metodológicas como painéis performativos, auto-etnografias performativas, dentre outras, trazem um rico repertório a ser pensado e experimentado na escola.



Aqui chegamos ao derradeiro dilema de uma educação como performance em pandemia. Como vamos partir do corpo se o corpo não está mais presente? Considerando a possibilidade do ensino a distância ser tomado como principal modelo de ensino, mesmo na educação básica, como iremos lidar com o corpo?

Evidentemente, existem os corpos dos alunos por de trás de suas telas e a eles pode ser sugerido que façam uma investigação de si e até mesmo do outro, dos outros corpos familiares que habitam a casa. Entretanto, por mais eficientes e miraculosas que sejam as atividades propostas o fato, indubitável, é que sem o corpo da sala de aula, que é o espaço criado pelos corpos de algumas pessoas comprometidas com a experiência educacional, perde-se a fonte de vitalidade do processo de ensino-aprendizagem.

É no corpo da escola e da sala de aula que a performance acontece. Seja na sala, no pátio ou na rua, a performance acontece no encontro entre os sujeitos do processo educacional. Retirado esse encontro é difícil pensar o que resta da performance e, principalmente, do corpo. Obviamente resta o encontro na sala virtual, resta saber se poderia ser o virtual um espaço energizado o suficiente para promover a performance educacional.

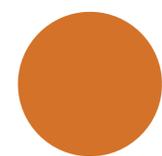
Para Goffman, “o mundo, na verdade, é uma reunião”



(GOFFMAN, 2002, p. 41). A performance acontece, justamente, no encontro e na interação que caracterizam a reunião dos corpos. Sem a presença do corpo há reunião? Para Goffman, isso certamente não seria possível, mas em sua época a internet era ficção científica e hoje é o meio de reunião normatizado num mundo em pandemia. Portanto, há reunião sem a presença do corpo, mas que tipo de reunião é esta? Que tipo de corpo e performance é produzido no meio virtual? Certamente, um tipo de corpo e performance totalmente mediada pela máquina. Cabe nos perguntar se a performance ainda seria do corpo ou se a performance passa a ser da máquina?

Noutro cenário possível, as aulas presenciais retornam mantendo-se as medidas de distanciamento social e o uso de máscaras. Aqui temos a presença do corpo, mas que corpo é esse? Certamente, não é o mesmo corpo de antes da pandemia, que embora permeado por obstruções, não lhe era normativo a preocupação com possíveis contaminações. Imagino que as escolas muito provavelmente irão premiar com notas, elogios e distinções aqueles que não tiram suas máscaras e não se aproximam de seus colegas. Enquanto que aqueles que assim o fazem receberão castigos como repreensões, perda de notas, ficar no cantinho ou mesmo chamar os pais na escola.

Nesse contexto que parece absurdo, mas que é a



realidade do terror que se impõe pelas circunstâncias, quais atividades corporais podem ser propostas para esses corpos pandêmicos escolarizados? Fazer uma roda seria possível? Seria *permitido*? Correr? Jogar? Em dupla? Em grupo? Seria possível alguma atividade corporal que mantenha, no mínimo, um metro e meio de distância?

Muito provavelmente, apesar de todas as dificuldades, alguma coisa semelhante a uma atividade corporal será realizada, no entanto, que tipo de prática será essa? O que estará sendo ensinado? E o que será aprendido a partir deste tipo de prática?

Penso que seja uma questão não apenas de manter o distanciamento e a máscara, mas as séries de efeitos que esses comportamentos do corpo produzem. Sobretudo, os efeitos psicológicos de um processo de ensino-aprendizagem pandêmico. Para qualquer lado que se corra a situação apenas muda de gravidade, o que torna de extrema importância refletir sobre tudo isso, antes de simplesmente nos adaptarmos sem uma reflexão crítica. O pensamento filosófico contemporâneo sobre a pandemia pode contribuir para pensarmos essas e muitas outras questões que emergem em tempos pandêmicos.



FILOSOFIA EM PANDEMIA

No tocante à perspectiva filosófica sobre a pandemia do coronavírus, a organização dos artigos em “Sopa de Wuhan” (2020) pretendeu disponibilizar uma compilação do pensamento contemporâneo sobre a COVID 19, através de artigos publicados por diversos meios entre fevereiro e março de 2020. O interessante da publicação é colocar lado a lado os mais diferentes posicionamentos sobre a pandemia. A “Sopa” reúne artigos de importantes filósofas e filósofos atuais como Giorgio Agamben, Slavoj Žižek, Jean Luc Nancy, Judith Butler, Byung-Chul Han, dentre outros.

O posicionamento do filósofo italiano Giorgio Agamben, em especial, difere da maioria, mas levanta algumas questões compartilhadas e seu ponto de vista radical também abre espaço para algumas importantes reflexões. Agamben denuncia “A invenção de uma epidemia” (2020) na Itália, amparando-se nas declarações da CNR (*Consiglio Nazionale delle Ricerche*). Ele sugere dois fatores que podem explicar o que chamou de “comportamento desproporcional”:

- 1) Tendência crescente em utilizar o estado de exceção como paradigma normal do governo;
- 2) Necessidade real de estados de pânico coletivo.

Agamben sugere ainda que, da mesma forma que cada indivíduo pode ser visto como um terrorista em potencial,



dando brecha para o tolhimento de liberdades, hoje, cada indivíduo é visto como um propagador em potencial. Assim, a noção de contágio torna-se central para o colossal cerceamento da liberdade.

O posicionamento de Agamben diverge das recomendações internacionais das entidades médicas e da própria Organização Mundial da Saúde que orientam o isolamento e o distanciamento social como a única e mais eficaz forma de combater um vírus recém-descoberto. Diferente de Agamben, Jean Luc Nancy (2020) argumenta que mesmo a gripe normal mata muitas pessoas todos os anos. No caso do coronavírus, a mortalidade é maior do que a gripe normal e isso não pode ser negado. Como fez Donald Trump ao anunciar que a crise era passageira enquanto tudo indicava que o coronavírus veio pra ficar. Do mesmo modo, o desastroso e genocida Jair Messias Bolsonaro que declarou ser o vírus apenas uma “gripezinha” passageira.

Embora aqui no Brasil Agamben poderia ser acusado de ser “bolsonarista” e “negacionista”, seu posicionamento diferente chama atenção para alguns aspectos da pandemia que poderiam passar despercebidos. Talvez, o aspecto mais importante seja que a pandemia parece se encaixar perfeitamente numa agenda anteriormente estabelecida. Não é de modo algum uma surpresa o ensino à distância, o trabalho em casa, os aplicativos de relacionamento,

compras, alimentação e por aí em diante. Tudo sendo realizado pelos aplicativos de celular. Já há algum tempo, não precisamos mais sair de casa e nem mesmo do sofá:

[...] é difícil não pensar que a situação que criam é exatamente a que os que nos governam vêm tratando de realizar repetidamente: que as universidades e escolas se fechem de uma vez por todas e que as aulas só aconteçam on-line, que deixemos de nos reunir e falar por razões políticas e culturais e somente intercambiemos mensagens digitais, que na medida do possível as máquinas substituam todo contato – todo contágio – entre os seres humanos (AGAMBEN, 2020b, p. 33).

É, realmente, curioso que a pandemia crie ambientes perfeitos para a implementação de mudanças já insinuadas há bastante tempo. Como professora na escola e estudante na universidade, vi de perto a tendência do ensino à distância como padrão e como melhor opção. Mesmo que, há muitos anos, a classe trabalhadora da educação venha fazendo o enfrentamento pela valorização do ensino presencial.

A Reforma do Ensino Médio no Brasil foi uma das primeiras medidas promovidas pelo governo Temer, ela prevê a extinção das componentes curriculares arte, educação física, sociologia, filosofia, dentre outras. Ou seja, essas componentes estão em vias de serem retiradas do currículo



muito antes da pandemia. Em tempos pandêmicos teremos alguma chance de mantermos nossos empregos nas escolas?

Caso a opinião de Agamben esteja mais próxima da realidade, não haverá mais escola e toda a potência da sala de aula será esquecida. E, com a sala de aula como um espaço energizado de corpos, parecem estar perdidas as potencialidades da educação como performance. Como colocar o corpo no centro do processo de ensino-aprendizagem em aulas *on-line*? O corpo mediado pela máquina continua a ser um corpo? É possível resistir ao fim da escola e, talvez, de todo o contato humano?

Nancy discorda também de Agamben na questão de que sejam os governos culpados pelo contínuo estado de exceção vigente, refletindo que a exceção se tornou a regra em um mundo acuado por uma interferência humana jamais vista. Assim, seria equivocado colocar em dúvida toda uma civilização. Segundo ele, o que existe é “uma espécie de exceção viral – biológica, informática, cultural – que nos pandemiza” (NANCY, 2020, p. 30).

Se a tecnologia, assim como os modelos políticos e sociais que desenvolvemos estão comprometendo a vida no planeta, parece evidente que a civilização já está posta em dúvida por suas próprias ações. E, se os governos não são os culpados, mas apenas os executores de uma



exceção que se impõe, ao mesmo tempo, pouco fazem para reverter o quadro de degradação. Persistimos com as tecnologias e modelos genocidas que estão contribuindo para o extermínio da vida.

Para Slavoj Žižek, a pandemia do coronavírus é um golpe fatal no capitalismo e uma possibilidade de reinvenção do comunismo. Numa visão mais otimista, Žižek argumenta que, apesar da triste necessidade de uma catástrofe para repensarmos bases civilizatórias fundamentais, a atual crise é uma oportunidade para uma mudança de rumo emergente na humanidade. Pensar uma sociedade para além do Estado-Nação, “uma sociedade que se atualiza a si mesma nas formas de solidariedade e cooperação global” (ŽIŽEK, 2020, p. 22).

Penso que existe certa ingenuidade no pensamento de Žižek. Para ele, a especulação de que a pandemia pode conduzir à queda do governo comunista na China indica que o próprio comunismo irá se reinventar através de uma base de confiança nas pessoas e na ciência. Byung-Chul Han pensa o oposto disso, argumentando que “a Covid-19 vai deslocar o poder global para a Ásia. Visto sob esta luz, o vírus marca uma mudança de era” (HAN, 2020, p. 6).

Para Han, o modelo de controle estilo *Big Brother*, já

implantado, tenderá a ser tomado pelos outros países, visto que a China, o país mais populoso do mundo, foi quem melhor combateu o contágio. Vencer o vírus se tornou uma questão de poder global e controle total das massas. Como Agamben, Han teme pela perda da liberdade individual.

Trata-se de um divisor de águas, demarcado não somente pelo vírus, mas também, como lembra Žižek, pelas diversas catástrofes que se anunciam no horizonte do aquecimento global. Para Žižek, seja qual for a catástrofe que enfrentemos, o pânico não é a resposta, mas sim uma eficiência na coordenação global. Desta forma, entidades globais como a OMS deveriam ganhar mais poderes executivos, ou seja, reais poderes.

Que seja necessária uma coordenação mundial para enfrentar o que vem por aí está claro, mas dar poderes a entidades globais causa desconfiança. Han destaca que o sucesso do modelo asiático de combate ao vírus está relacionado à vigilância digital, o *big data*, que implica numa diferença de visão de liberdade individual entre ocidente e oriente. A China, em particular, tem livre acesso ao banco de dados de toda a telefonia e internet de todas as pessoas. E a população aceita, concorda e acha necessário que seja assim para que o governo possa protegê-la. Noções de privacidade, liberdades individuais e



proteção de dados, tão caras ao Ocidente, são entendidas de outras formas pela mentalidade autoritária dos asiáticos: “quem atravessa no sinal vermelho, quem tem contato com críticos do regime e quem coloca comentários críticos nas redes sociais perde pontos. A vida, então, pode chegar a se tornar muito perigosa” (HAN, 2020, p. 100).

Entretanto, a vigilância digital asiática está vencendo a guerra contra o vírus, enquanto países do Ocidente tomam medidas desesperadas. Dado o sucesso do regime policial digital chinês, o perigo é que este seja tomado como modelo para o combate global ao vírus. Han espera que isso não aconteça: a implementação de uma biopolítica digital que acompanha a psicopolítica digital como forma de controle absoluto em nível mundial. Para ele, não devemos minimizar o perigo. Mas, julgando igualmente o pânico desproporcional, Agamben argumenta que não somente a vigilância digital garantiu o sucesso asiático, mas também e, talvez principalmente, o uso em massa de máscaras *especiais* de proteção ao vírus. Para Han, as máscaras seriam uma medida suficiente.

O pânico desproporcional é o pânico do próprio sistema que está em crise desde muito antes da chegada do vírus. Muito provavelmente, o *crash* aconteceria de qualquer maneira. Melhor então culpar o vírus. Discordando de Žižek, Han não acredita numa revolução do vírus que nos levaria



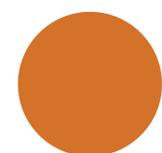
a uma sociedade mais próspera. Existe a possibilidade de o capitalismo se adaptar e se tornar ainda mais cruel. E o que vemos acontecer parece ser exatamente isso.

Judith Butler aponta a rapidez com que a desigualdade radical, exploração capitalista, nacionalismo, supremacia branca, violência contra as mulheres, as pessoas *queer* e trans e, em geral, todas as formas de desigualdade se fortalecem nas zonas pandêmicas (BUTLER, 2020). Diferente de vários pensadores, ela não toma a mortalidade do vírus como democrática, capaz de infectar a pobres e ricos da mesma maneira. Para Butler, a desigualdade assegurará que os humanos discriminem por si mesmos quem vive e quem morre pelo vírus, ou seja, os pobres, os negros, os refugiados, as mulheres, LGBTQTS e todas as populações vulneráveis.

ALGUMAS (IN) CONCLUSÕES PANDÊMICAS

A sopa filosófica engloba diferentes pontos de vista sobre o momento que enfrentamos. Nos estudos apontados foi destacado o contágio, a perda das liberdades individuais, o aumento das desigualdades e do controle digital.

A situação se agrava e se aprofunda de tal forma que o “Adeus ao Corpo” anunciado por David Le Breton em

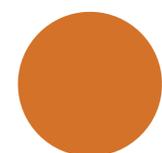


1999 parece ter-se decretado. Adeus a qual corpo? Para Le Breton, o corpo que se finda é o corpo vulnerável, imperfeito, marcado pelo pecado original de não ser impecável como a máquina. O corpo digital é o novo corpo possível, seguro.

Essas questões pandêmicas afetam, profundamente, todas as instâncias da vida contemporânea “pandemizada”. Em relação às premissas de uma educação como performance não seria diferente. Poderíamos considerar numa perspectiva otimista que a falta do afeto e da presença do outro levariam a uma maior valorização do contato que agora se encontra, temporariamente, evitado. E assim, bastaria fazermos o que nos seja possível adaptar dadas as circunstâncias, pois num futuro próximo ou distante a educação como performance será ainda mais necessária.

Gostaria de pensar assim, que poderíamos partir do corpo em salas virtuais, com mostras de vídeos e outras performances individuais, que poderíamos usar a tecnologia a favor de tomar o corpo como ponto de partida conceitual e centro do processo de ensino-aprendizagem. Que o ensino presencial com distanciamento e máscaras não seria tão mal assim e que seria possível ainda trabalhar a partir do corpo. Penso que isso seja possível e importante, principalmente como forma de resistência ao não esquecimento do corpo.

Entretanto, o cenário que se anuncia é grave e parece



exigir um posicionamento crítico e um enfrentamento. O mundo virtual se apresenta como o único local seguro, totalmente desprovido de contato e, portanto, contágio. Existe nessa aparente segurança algo ainda mais perigoso, uma visão materialista hegemônica na ciência contemporânea que considera a mente como um subproduto do cérebro e que proclama uma imortalidade através da máquina. Queremos nos imortalizar como máquinas ou queremos envelhecer e morrer como os corpos que somos?

__REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **La invención de una epidemia**, in: Sopa de Wuhan. Editorial: ASPO (Aislamiento Social Preventivo y Obligatorio), 26 de fev., 2020. Disponível em: <http://iips.usac.edu.gt/wp-content/uploads/2020/03/Sopa-de-Wuhan-ASPO.pdf>. Acessado em outubro de 2020.

BUTLER, Judith. **La emergencia viral y el mundo de mañana**, in: Sopa de Wuhan. Editorial: ASPO (Aislamiento Social Preventivo y Obligatorio), 22 de mar., 2020. Disponível em: <http://iips.usac.edu.gt/wp-content/uploads/2020/03/Sopa-de-Wuhan-ASPO.pdf>. Acessado em outubro de 2020.

CARLSON, Marvin. Artigo: **O Entrelaçamento dos Estudos**



Modernos da Performance e as Correntes Atuais em Antropologia. Revista brasileira Estudos da Presença, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 164-188, jan./jun, 2011. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/presenca>. Acessado em julho de 2020.

DAWSEY, John Cowart. Artigo: **Schechner, teatro e antropologia.** Cadernos de Campo, São Paulo, n. 20, p. 1-360, 2011. Disponível em: www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/36806. Acessado em novembro de 2019.

GOLDBERG, Roselee. **Performance: Live Art - 1909 to the Present.** New York: HarryN. AbramsInc. Publishers, 1979.

GOFFMAN, Ervin. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana.** Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2002.

HAN, Byung-Chul. **El capitalismo tiene sus límites,** in: Sopa de Wuhan. Editorial: ASPO (Aislamiento Social Preventivo y Obligatorio), 19 de mar., 2020. Disponível em: <http://iips.usac.edu.gt/wp-content/uploads/2020/03/Sopa-de-Wuhan-ASPO.pdf>. Acessado em outubro de 2020.

ICLE, Gilberto. **Para Apresentar a Performance à Educação.** Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Revista Educação & Realidade, 35(2): 11-22, maio/ago, 2010. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/viewFile/15861/9473>. Acessado em agosto de 2020.



LE BRETON, David. **Adeus ao Corpo**. Campinas: Papirus, 2003.

NANCY, Jean Luc. **Excepción viral**, in: Sopa de Wuhan. Editorial: ASPO (Aislamiento Social Preventivo y Obligatorio), 28 de fev., 2020. Disponível em: <http://iips.usac.edu.gt/wp-content/uploads/2020/03/Sopa-de-Wuhan-ASPO.pdf>. Acessado em outubro de 2020.

OTTONI, Paulo Roberto. **Visão Performativa da Linguagem**. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.

PINEAU, Elyse Lamm. **Critical Performative Pedagogy: Fleshing out the politics of liberation education**. In: STUCKY, Nathan; WIMMER, Cynthia. Teaching Performance Studies. Southern Illinois University: Board of Trustees, 41-53, 2002.

PINEAU, Elyse Lamm. **Nos Cruzamentos entre a performance e a Pedagogia: uma revisão prospectiva**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Revista Educação e Realidade, 35(2): 89-113, 2010. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/viewFile/15861/9473>. Acessado em agosto de 2020.

SCHECHNER, Richard. **Performance Studies: An Introduction**. New York: Routledge, 2002.

SCHECHNER, Richard. **Performance Theory**. England: Taylor



& Francis e-Library, 2004.

SCHECHNER, Richard. **Performance e Antropologia de Richard Schechner**. Org. Zeca Ligiéro. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012.

ŽIŽEK, Slavoj. **El coronavirus es un golpe al capitalismo a lo Kill Bill...**, in: Sopa de Wuhan. Editorial: ASPO (Aislamiento Social Preventivo y Obligatorio), 28 de fev., 2020. Disponível em: <http://iips.usac.edu.gt/wp-content/uploads/2020/03/Sopa-de-Wuhan-ASPO.pdf>. Acessado em outubro de 2020.





PPG-Artes da Cena
 Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena
 Instituto de Artes - UNICAMP



ISBN: 978-65-88507-02-5

